



Educação e clandestinidade: memórias de comunistas brasileiros na União Soviética (1953-1955)

Education and clandestinity: memories of Brazilian communists in the Soviet Union (1953-1955)

Amanda Assis de Oliveira

Graduada em História
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC
amandaassis1903@gmail.com

Éder da Silva Silveira

Doutor em História - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS,
Professor da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC
eders@unisc.br

Recebido em: 11/08/2017

Aprovado em: 13/09/2017

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar como foram registradas as experiências educativas de comunistas brasileiros enviados à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) entre 1953 e 1955. Discutimos também as possíveis interseções entre Educação e Clandestinidade e como isto pode contribuir para a construção de uma educação comunista na e para a clandestinidade. A metodologia se pauta na análise de conteúdo de memórias de comunistas brasileiros na URSS. Como fontes são utilizados dois livros de caráter autobiográfico escritos por brasileiros que tiveram experiências de educação na antiga URSS: *Memórias de um Stalinista*, de Hércules Corrêa, e *O Retrato*, de Osvaldo Peralva. A partir dessa análise é possível compreender as práticas educativas desses sujeitos e os sentidos que construíram sobre suas experiências. Em seu conjunto elas permitem perceber algumas práticas, formas e funções de uma educação clandestina relacionada às escolas preparatórias de quadros na URSS que, dentre outros objetivos, visava uma instrumentalização teórica e prática em prol de uma revolução.

PALAVRAS-CHAVE: Educação comunista, Clandestinidade, Cultura política comunista, Memória.

ABSTRACT: The goal of this article is to analyze the educational experiences of Brazilians communists who were to Union of Soviet Socialist Republics (USSR) that were recorded between 1953 to 1955. I also discussed the possible intersections between Education and Clandestinity and how that contribute to the construction of a communist education in and for clandestinity. As sources, two autobiographical books were utilized: *Memorias de um Stalinista* from Hércules Corrêa and *O Retrato* from Osvaldo Peralva. From that analysis, it is possible to comprehend the educational practices of these subjects and the senses that built on these experiences. Together they allow us to perceive some practices, forms and functions of a clandestine education related to the preparatory schools of cadres in the USSR that, among other goals, aimed at a theoretical instrumentalization and practice in favor of a revolution.

KEYWORDS: Communist education, Clandestinity, Political communist culture, Memory.



Introdução

Esse recorte de pesquisa faz parte de um projeto maior chamado “Educação Clandestina e Traição: uma história da educação dos comunistas do Brasil da Guerra Fria”¹. A pesquisa é vinculada à linha Educação, Trabalho e Emancipação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Ao longo desses anos de pesquisa, pudemos identificar algumas características da educação comunista no Brasil e no exterior que estão estritamente ligadas ao contexto da Guerra Fria (1945-1991). No Brasil, o Partido Comunista do Brasil² (PCB) atuou na ilegalidade³ por grande parte desse período. Como forma de resistência, redes de educação clandestina foram importantes para viver os períodos de repressão e para garantir a sobrevivência de partidos colocados na ilegalidade. Nesse sentido, o PCB ministrou diferentes cursos, alguns dos quais também serviram para o ingresso de militantes em escolas preparatórias de quadros revolucionários na URSS. Muitos comunistas escreveram suas experiências em livros de memórias relatando as viagens e atividades desenvolvidas em solo soviético.

As escolas do Komintern originaram-se em Lênin quando, desde o início do século XX, passou a defender a ideia de que o Partido Comunista da União Soviética deveria formar “revolucionários profissionais”. Na publicação “Que fazer”, em 1902, destacou que a tomada do poder através de uma Revolução não se daria apenas através da consequência de um processo econômico. Ela dependeria fortemente da disposição e atuação de um Partido Revolucionário, solidamente organizado e dirigido por revolucionários profissionais.⁴

Embora o Komintern⁵ houvesse se extinguido em 1943, o seu sucessor direto, o Kominform⁶, continuou regendo a organização dos cursos, que visavam, acima de tudo, a preparação de dirigentes aptos na teoria e na prática marxista-leninista.

Como uma intersecção entre a História da Educação e a Nova História Política, o principal objetivo desse artigo é analisar como foram registradas as práticas educativas de

¹ Projeto financiado via edital ARD/PPP 2014 da FAPERGS/CNPq- Execução 2016-2018.

² No ano de 1961, o PCB passou a chamar-se Partido Comunista Brasileiro. Quem herdou o antigo nome foi o PCdoB, um partido criado no ano de 1962, depois de uma grande cisão dentro do próprio PCB. Ver mais em: PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: memória e história do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Fundação Roberto Marinho, 1995.

³ O PCB foi cassado no ano de 1947 durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, após um curto espaço de 2 anos na legalidade. Antes disso, o partido havia passado por uma dura clandestinidade imposta pelo Estado Novo (1937-1945). O partido continuou nessa condição até o término da Ditadura Militar em 1985. Ver mais em: ABREU, Alzira Alves de. **Partido Comunista Brasileiro (PCB)**. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

⁴ SILVEIRA, Éder da Silva. **Por que ele?** Educação, traição e dissidência comunista na trajetória de Manoel Jover Teles, o “Manolo”. Jundiá, São Paulo: Paco Editorial, 2016, p. 146.

⁵ Termo dado a Terceira Internacional Comunista (1919-1943). Criada por Vladimir Lênin, ela tinha como objetivo reunir os Partidos Comunistas do mundo em prol da extirpação do capitalismo.

⁶ Centro de informações dos Partidos Comunistas, criado por Stálin em 1947, visava organizar a ação comunista, sobretudo nos países socialistas do leste europeu. Foi dissolvido após a publicidade do Relatório Krushev. Ver mais em: SOTANA, Edvaldo Correa. **Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2006.



comunistas enviados à URSS através de livros de caráter autobiográfico de brasileiros que participaram das escolas de preparação de quadros revolucionários entre 1953 e 1955. Discutimos também as possíveis relações entre Educação e Clandestinidade e como isto pode contribuir para a construção de uma educação comunista na e para a clandestinidade.

As fontes utilizadas nesse artigo compreendem duas obras autobiográficas de antigos comunistas brasileiros que participaram dos cursos de formação na URSS entre os anos supracitados: *O Retrato*, de Osvaldo Peralva⁷, e *Memórias de um Stalinista*, de Hércules Corrêa⁸. Essas fontes autobiográficas são, acima de tudo, fontes de memória. Isso implica concebê-las, dentre outras possibilidades, como discursos sobre si que mesclam elementos de experiências que foram vividas, imaginadas ou compartilhadas com um conjunto de atribuições de sentido que se dá posterior ao vivido. Além disso, é necessário considerar que

a memória não tem compromisso com a crítica, com uma operação mental de validar ou não seus movimentos através de problematizações. Difere ainda da História como campo de produção de conhecimento. A memória pode ser história, mas não é história por si só. É vestígio. Apesar de indomável, esforça-se em assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado, a capacidade de viver o já inexistente. A memória é, então, também o lugar de permanências.⁹

Para analisar tais memórias foi necessário ter cuidado no tratamento dado à interpretação das fontes, pois há um limite tênue entre o vivido e o narrado. Essas obras foram escritas *a posteriori* às viagens à URSS, quando os dois autores já haviam deixado o partido e, não raro, elas também carregaram os impactos da desilusão com o socialismo ou com o próprio PCB no momento em que foram escritas.

A memória é tecida de lembranças e esquecimentos. Como afirma Pollak, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”¹⁰. Os pesos relegados às experiências colaboram para que alguns pontos do passado sejam sacralizados e outros sejam relegados à escuridão. Conforme observou Barros, a memória não é um mero “espaço inerte” onde as

⁷ Osvaldo Peralva (1918-1992). Ex-membro do PCB, o jornalista foi membro ativo do partido por mais de duas décadas. Em 1962, publicou *O Retrato*, um livro-denúncia que simbolizou o seu rompimento com o comunismo, onde apresenta registros minuciosos a respeito do período em que esteve na URSS.

⁸ Hércules Corrêa (1930-2008). Ex-líder comunista e sindicalista, também foi fundador e dirigente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e deputado estadual pelo PTB. Dentre os diversos textos de sua autoria, destaca-se *Memórias de um Stalinista*, importante fonte na qual o autor registra diversas passagens sobre cursos promovidos pelo PCB no Brasil e no exterior.

⁹ STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, Memória e História da educação. In: _____ (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III - Século XX. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 420.

¹⁰ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 4.



lembranças são adicionadas, mas um espaço político e simbólico que constituem o ser social.¹¹

Oswaldo Peralva escreveu *O Retrato* no início dos anos 1960, logo após sair do partido, no contexto da publicidade do Relatório Krushev, que denunciou os crimes do Stalinismo. Seu ressentimento é nítido, e sua obra, inclusive, foi usada como propaganda anticomunista durante a Ditadura Militar. Já Hércules Corrêa escreveu *Memórias de um Stalinista* durante os anos 1990, após sair do PCB, segundo consta em suas memórias, devido à crise do socialismo e o iminente fim do bloco soviético. Ao contrário de Peralva, seu relato não carrega críticas tão amargas, embora seja evidente o tom nostálgico em relação às experiências na URSS.

As memórias autobiográficas não são a História em si, mas representações de um passado que sofre alterações e atribuições de sentido nos quadros do presente. Como historiadores devemos ter cuidado às ressignificações que daremos a elas:

Na memória fica o que significa [...], na história se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que ficou guardado nas memórias: recortando-as reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la.¹²

Dessa forma, a metodologia aplicada se pauta na análise de conteúdo das fontes autobiográficas. Como aponta Roque Moraes, a análise de conteúdo é usada para interpretar documentos e textos em um nível maior que a de uma leitura comum.¹³

Cronologicamente, a análise de conteúdos pode abranger as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na primeira fase [...] organizamos o material a ser analisado. Nesse momento, de acordo com os objetivos a questões de estudo, definimos, principalmente, unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. [...] Na segunda fase, o momento é de aplicarmos o que foi definido na fase anterior. É a mais longa. Pode haver necessidade de fazermos várias leituras de um mesmo material. A terceira fase [...] devemos tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. [...] nossa busca deve se voltar [...] para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando.¹⁴

A primeira fase da análise de conteúdo é fundamental para uma pesquisa, pois é através da categorização e organização dos dados que podemos dar início ao processo de interpretação dos mesmos. Conforme Gomes, trabalhar com categorias implica agrupar ideias e elementos em

¹¹ BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, Canoas, vol. 3, n.5, p. 35-67, Jan-Jul/2009.

¹² ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Violar memórias e gestar história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”, **Clio- Série História do Nordeste**, n°15, p. 39-52, 1994, p. 50.

¹³ MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32, 1999.

¹⁴ GOMES, Romeu. A análise de dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 78-79.



torno de um conceito que os abrangem.¹⁵ Para tal fim, utilizamos as seguintes categorias de análise: formas, conteúdos, sentidos e funções das práticas educativas na URSS para os sujeitos comunistas pesquisados. Ao analisar tais questões, discutimos o conceito de Cultura Política Comunista. Esse conceito é utilizado para compreender os motivos que levaram comunistas brasileiros a adentrar na luta clandestina em prol do ideal revolucionário.

Estudos sobre práticas educativas de comunistas na clandestinidade são escassos aqui no Brasil, apesar da existência de uma série de documentos que revelam informações sobre redes de educação clandestina entre os comunistas, tanto no Brasil como no exterior. Em uma busca rápida nas bases do Portal de Periódicos da CAPES e da Scielo, por exemplo, podemos perceber uma parca produção sobre o tema. Nesse sentido, esse artigo se origina da busca de compreensão dessas práticas educativas na e para a clandestinidade.

As práticas educativas não formais de comunistas na clandestinidade possuem uma grande gama de fontes de pesquisa que podem ser utilizadas na pesquisa histórica.¹⁶ Dentre elas, estão as fontes autobiográficas de comunistas que viveram períodos de clandestinidade. É evidente que cada conjunto de fontes carrega particularidades que exigem cuidados metodológicos específicos. Em relação às memórias e narrativas autobiográficas, é importante considerar, por exemplo, se foram registradas antes ou após 1956, ano em que pesadas denúncias de crimes e arbitrariedades cometidos por Stálin e o stalinismo ganharam publicidade. O impacto de tais denúncias deve ser considerado no contexto dos registros produzidos a partir da segunda metade do século XX, pois marcaram as narrativas de tais sujeitos.

A partir dessas notas introdutórias, o texto segue em dois momentos. Inicialmente, discutiremos as aproximações entre Educação e Clandestinidade, bem como a concepção de Cultura Política. Em seguida, apresentaremos a análise das fontes e suas respectivas práticas educativas.

Educação, clandestinidade e cultura política comunista

O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi criado no ano de 1922, objetivando, ao longo de sua história, uma revolução proletária como a que havia acontecido na Rússia, em 1917. O partido foi criado por um grupo de egressos do anarquismo, no qual se destacava a figura de

¹⁵ _____. A análise de dados em Pesquisa Qualitativa. p, 80.

¹⁶ Dentre essas fontes vale salientar os cursos programáticos ministrados pelos partidos comunistas, as cartilhas e livros literários que integravam o conjunto de obras que os militantes deveriam estudar, os textos, teses e resoluções encontrados nos jornais comunistas, inquéritos policiais, assim como as fontes relativas às memórias dos militantes.



Astrojildo Pereira.¹⁷

Segundo depoimentos de Afonso Schmidt e Edgard Leuenroth, a primeira proposição no sentido de se estruturar um Partido Comunista de âmbito nacional no Brasil partiu de um misterioso personagem inglês, que segundo Leuenroth chamava-se Ramison, embora seu nome não tenha sido registrado em nenhum documento da época. Este inglês, que seria membro do Secretariado Sul-Americano, passando pelo país em fins de 1921, surpreendeu-se com a inexistência de um Partido Comunista. Dirigiu-se então ao jornal anarquista *A Vanguarda*, sendo encaminhado para Edgard Leuenroth, a quem propôs a fundação de um partido deste tipo no Brasil. Leuenroth, como anarquista, recusou-se, mas indicou Astrojildo Pereira, que se encontrava no Rio de Janeiro. Este foi chamado e chegou a São Paulo depois de três dias. Leuenroth o apresentou ao inglês, mas não assistiu ao encontro deste com Astrojildo, que logo depois retorna ao Rio de Janeiro, onde seria o principal artífice da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB).¹⁸

O PCB demorou dois anos para ser aceito como um partido ligado à Internacional Comunista. As teses do II Congresso do partido podem apontar que até os anos 1930 “o PCB era muito mais um partido simpatizante do marxismo do que verdadeiramente um partido de tipo bolchevique, marxista-leninista.”¹⁹

Nos primeiros anos, o partido não conseguiu um grande número de membros e sua atuação era limitada. Astrojildo Pereira tornou-se Secretário Geral pouco depois da sua fundação. Ele foi atingido por uma diretriz vinda do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) durante uma conferência do Komintern. Conhecida como “obreirismo”, esta era uma orientação para que o partido comunista fosse composto e dirigido por verdadeiros proletários. Dessa forma, muitos intelectuais acabam se afastando do mesmo.

Como observou Heitor Ferreira Lima, um importante dirigente da época e que chegou a exercer o cargo de Secretário Geral por um curto período, “a imposição do obreirismo [...] e o domínio do sectarismo provocará uma ruptura na evolução do PCB jamais superada.”²⁰ Astrojildo, dessa forma, foi afastado do cargo de Secretário Geral pelo Comitê Central do PCB, em 1930.

A partir de 1934, “a história do comunismo no Brasil se confunde com a história de Luís Carlos Prestes.”²¹ Prestes²² foi uma figura quase lendária do comunismo brasileiro. O mítico

¹⁷Astrojildo Pereira (1890-1965) nasceu em Rio Bonito, Rio de Janeiro. Advindo do anarquismo, foi um dos fundadores do PCB, em 1922. Atuou como Secretário Geral até 1930, quando em um processo de proletarização do partido, a Comissão Central decidiu destituí-lo do cargo. No ano de 1931 ele se retira do PCB, retornando apenas em 1945. Ver mais em: BELOCH, Israel. **Astrojildo Pereira**. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>. Acesso em 2 de maio de 2017.

¹⁸ PACHECO, Eliezer. **A formação da esquerda no Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, p. 72

¹⁹ _____. **A formação da esquerda no Brasil**. p. 85.

²⁰ LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos Percorridos**. Brasiliense: São Paulo, 1982, p. 10

²¹ PACHECO. **A formação da esquerda no Brasil**. p. 135.



apelido de “cavaleiro da esperança” que lhe foi atribuído estava vinculado à história de um homem que, no contexto dos movimentos tenentistas da década de 1920, percorreu milhares de quilômetros do interior brasileiro contra a República Velha. Seu nome como membro do Partido Comunista do Brasil não era, inicialmente, do agrado do Comitê Central. Seu ingresso se deu apenas por mediação do PCUS.

Na sua história, o PCB passou por duas grandes cisões: em 1962, com a criação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e, em 1992, com a criação do Partido Popular Socialista (PPS). Desde a fundação do PCB, tentou-se criar um vínculo com os movimentos sindicais e a classe trabalhadora, conforme as táticas que orientaram a composição de um partido “das massas”. Entretanto, como consequência direta da Guerra Fria e de seu conflito ideológico entre os blocos capitalista e socialista, o PCB acabou na ilegalidade por um longo período, perpassando por governos autoritários como o Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985). A dura clandestinidade imposta ao partido marcou de forma significativa o trabalho e a vida dos sujeitos nela inseridos.

A clandestinidade é um elemento importante para a compreensão das práticas educativas não formais de comunistas brasileiros. Como um conceito polissêmico, a clandestinidade pode significar uma maneira de resistência a governos repressivos e, por outro lado, também pode significar uma maneira de isolamento relativo do indivíduo.

[...]A condição de clandestino é, por definição, cerceadora. Ao clandestino não estão disponíveis todas as escolhas. A restrição da disponibilidade de escolha é usual à condição humana, mas no caso dos clandestinos é forçosamente reduzida e mais ainda, condicionada dialeticamente. Mas ao militante clandestino, a mais banal das ações disponíveis a qualquer outro, requeria um minucioso conjunto de ações de segurança visando suas condições e as condições da organização a que pertencia.²³

O sujeito clandestino poderia se encontrar nessa situação tanto por imposição como por escolha, o que sugere que essa condição poderia provocar significados e experiências diferentes, dependendo de como cada indivíduo vivia a clandestinidade. Hércules Corrêa afirmou em suas

²² Luís Carlos Prestes (1898-1990) nasceu em Porto Alegre. Membro do exército, foi um dos participantes das revoltas tenentistas dos anos 1920. A revolta culminou na Coluna Prestes (1925-1927), que percorreu vinte e cinco mil quilômetros pelo interior brasileiro e terminou na Bolívia, onde teve contato com o comunismo. Em 1931, Prestes vai para a URSS a convite do país para estudar teoria marxista-leninista. Por influência do PCUS, foi admitido no PCB e, após voltar ao Brasil com Olga Benário, logo se tornou Secretário Geral do partido. No comando da Aliança Nacional Libertadora (ANL), inseriu-se no conjunto das insurreições conhecido como Intentona Comunista. A partir de então, o PCB passou por grandes períodos na clandestinidade. Ver mais em: ABREU, A. A.; CARNEIRO, Alan. **Luís Carlos Prestes**. In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

²³ LACERDA FILHO, Mozart. **A experiência da clandestinidade política: relatos orais de ex-militantes de esquerda durante a ditadura militar (1964-1979)**. 2011. Tese (doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humana e Sociais- UNESP- Campus de Franca. Franca, UNESP, 2011, p. 17-18.



memórias sobre os anos 1950 que, apesar dessa condição, “[...] atuávamos abertamente, ou melhor, apenas aqueles que não haviam se tornado ratos da clandestinidade, viciados na vida em aparelhos, e que participavam de movimentos sociais, tais como sindicatos e associações.” E continua: “concordávamos que não podíamos dizer a ninguém para onde estávamos indo, nem que nossa delegação compunha-se de um bando de comunistas. No resto, nos sentíamos liberados.”²⁴ Peralva, por exemplo, foi mais enfático. Para ele, a luta clandestina exigia uma disciplina “quase militar”.²⁵

Na Cultura Política Comunista, a clandestinidade também preparava o comunista para uma dura realidade em prol do partido e de um projeto de revolução. Diógenes Arruda, que foi importante liderança comunista no Brasil, destacou que entre os deveres do(a) militante estava:

Guardar rigorosamente os segredos do Partido e manter sempre vigilância e firmeza comunista no trabalho clandestino, na atividade legal de massas e diante de qualquer inimigo de classe do proletariado, dando, se necessário, a própria vida - o ódio de classe ao inimigo e a fidelidade ilimitada ao Partido são imprescindíveis em todos os domínios e circunstâncias.²⁶

Arruda apresentou alguns elementos que constitui a cultura política comunista: o aspecto formador da clandestinidade, o ódio ao inimigo de classe e a extrema fidelidade ao partido, “dando a vida se necessário”. O conceito de Cultura Política é importante aqui, pois explica como o comunismo transpassa os vínculos partidários. De forma geral, é possível através desse conceito problematizar e entender elementos presentes em trajetórias e narrativas autobiográficas sobre os motivos de adesão ao comunismo e as experiências de seus militantes. O conceito de Cultura Política Comunista é compreendido como um

conjunto de valores, tradições, práticas, e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, expressando identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.²⁷

Uma exemplo do que constituía esse conjunto de valores é um certo dito que circulava entre os comunistas. Esse ditado popular representa as motivações que levaram os sujeitos políticos a ingressar no movimento comunista.

Na cultura partidária do PCB (Partido Comunista Brasileiro) circulava dito interessante, expressão metafórica das motivações que levariam as pessoas a aderirem ao movimento comunista. Segundo essa formulação, haveria três fontes que sensibilizariam os indivíduos favoravelmente ao comunismo,

²⁴ CORRÊA, Hércules. **Memórias de um Stalinista**. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1994, p. 11.

²⁵ PERALVA, Osvaldo. **O Retrato**: impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962.

²⁶ ARRUDA, Diógenes. **A educação revolucionária do comunista**. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2000, p. 17.

²⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, M.; CZAJKA, R.; MOTTA, Rodrigo P.S. (orgs.). **Comunistas brasileiros**: Cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 18.



correspondentes a órgãos do corpo humano: cérebro, estômago e coração. Alguns aderentes eram convencidos pelo cérebro, conquistados pela argumentação teórica e filosófica marxista; outros eram tangidos pelo estômago, ou seja, as necessidades materiais, a pobreza, e se identificavam com o comunismo na expectativa de verem sua situação social melhorar; já o terceiro grupo era tocado pelo coração, quer dizer, sua aproximação com a esquerda devia-se a força da sensibilidade.²⁸

O cérebro representa a intelectualidade e a teoria marxista, o estômago representa as dificuldades materiais, a fome e a miséria do proletariado e, por fim, o coração, os vínculos mais afetivos e sensíveis com a ideia de um outro sistema-mundo. Todas essas representações constituíam um imaginário e uma cultura comunista. Como aponta Motta, a cultura política comunista abarca variados símbolos e representações: o vermelho, o amor à URSS, o hino “A Internacional”, a comemoração do primeiro de maio, a comemoração da Revolução de outubro de 1917, o universalismo, o laicismo, um vocabulário próprio, o ardor e a idolatria a líderes carismáticos como Stálin, Lênin e Prestes, o ódio contra os EUA e ao seu imperialismo, etc. A educação comunista tinha o papel de sustentação de toda essa gama de representações políticas ao mesmo tempo em que por elas era influenciada.²⁹

Mas, afinal, que educação é essa? Qual(is) sua(s) ligações com a clandestinidade vivenciada por esse grupo? Quais os espaços encontrados na clandestinidade para o seu desenvolvimento? Encaramos nesse estudo a educação como uma prática social que atua em duas direções: “1. No desenvolvimento de suas forças produtivas; 2. No desenvolvimento de seus valores culturais”.³⁰ Além disso, partilhamos da ideia de que todo processo educativo expressa uma doutrina que se aporta em uma filosofia de vida, em uma concepção de ser humano e de sociedade.³¹ Conforme Paulo Freire, a educação é uma ferramenta para a transformação social que visa, acima de tudo, o diálogo e a emancipação do sujeito.³² Um de seus objetivos é quebrar os grilhões que prendem os sujeitos em uma sociedade opressora.

A educação comunista almejava a práxis que “implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.³³ Nesse ponto de vista, a teoria só tinha sentido se unida à prática constante. Para os comunistas, era através da formação de militantes versados em teoria e prática marxista que se poderia chegar a uma revolução.

Em períodos de repressão vividos no Brasil da Guerra Fria, a constituição de movimentos e redes de educação clandestina foram fundamentais para garantir a sobrevivência

²⁸ MOTTA. **A cultura política comunista**: alguns apontamentos. p., 18-19.

²⁹ _____. **A cultura política comunista**: alguns apontamentos. p., 20.

³⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 9.

³¹ FREITAG, Barbara. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo: Livraria Editora, 1986.

³² FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

³³ _____. **Pedagogia do oprimido**. p. 87.



do partido colocado na ilegalidade. A própria clandestinidade servia como espaço e agente educativo. Segundo Maria da Glória Gohn, há três formas de educação: a educação formal, a educação informal e a educação não formal. A educação formal está relegada aos encargos do Estado e possui conteúdos previamente demarcados. A educação informal é feita pelo sujeito em momentos de socialização com a família, no bairro, com os amigos, etc., ocorrendo de forma espontânea. Já a educação não formal é aquela que se dá através de processos que visam o compartilhamento de experiências e ações de cunho coletivo a partir de certas intencionalidades.³⁴ Dessa forma, a educação comunista é um exemplo de educação não formal, pois estava fora dos encargos e do controle do Estado, marcada por intencionalidades. Durante a ditadura militar, inclusive a polícia política reconheceu o papel da Educação para os comunistas no Inquérito Policial Militar 709: “graças ao trabalho de Educação que o partido (no caso, o PCB) conseguia sobreviver, preparando-os para tarefas gerais ou especiais”, expressou o documento.³⁵

A educação comunista poderia ocorrer em diferentes espaços e práticas sociais de militância política, bem como através de cursos ocorridos dentro e fora do Brasil. Não havia uma regra específica de como organizar os cursos no Brasil. Eles poderiam durar poucos dias ou semanas. Geralmente, eram organizados em “aparelhos”³⁶ clandestinos com conteúdos programáticos específicos. Em suas memórias, Heitor Ferreira Lima citou alguns temas que havia estudado:

Passei a frequentar, à noite, com assiduidade, aquele órgão de classe, estabelecendo novas relações de amizade, lendo os livros de sua biblioteca sobre o comunismo, o anarquismo, a revolução russa, o materialismo mecanicista, a emancipação da mulher, enfim, assuntos absolutamente estranhos para mim, que me informavam, no entanto, de questões diferentes das novas.³⁷

Heitor Ferreira Lima observou que em alguns desses cursos também havia o ensino de línguas. “Lembro-me de terem organizado dois cursos: um de filosofia, ministrado pelo estudante de engenharia, Sávio Antunes, e outro de francês, dado por Rodolfo Coutinho, recém-chegado da Europa.”³⁸

Em tom diferente, Osvaldo Peralva relatou que os manuais de teoria marxista seguiam

³⁴ GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 agosto de 2016.

³⁵ O COMUNISMO no Brasil. **Inquérito Policial 709**. V. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967, p. 48.

³⁶ “O termo alude ao conjunto de medidas e lugares para atividades e a segurança de militantes na clandestinidade. Ao contrário das células, nos aparelhos atuavam os revolucionários profissionais, ativistas que viviam exclusivamente do partido e para ele.” FERREIRA Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Rio de Janeiro: Eduff: Mauad, 2002, p. 95

³⁷ LIMA. **Caminhos percorridos**. p. 35-36.

³⁸ _____. **Caminhos percorridos**. p. 38.



rigorosamente os modelos soviéticos. Além disso, também havia o ensino de práticas de combate que serviam para a luta diária no partido.

Nesses cursos transmitia-se a experiência de funcionamento da máquina partidária, forneciam-se rudimentos de Economia Política e Filosofia, tudo rigorosamente de acordo com os compêndios soviéticos. Em alguns deles, marginalmente, ensinava-se a fabricar *bombas Molotov*, a enfrentar a cavalaria, jogando punhados de cortiça no chão para que os animais escorregassem e caíssem, outras lições mais de lutas de rua.³⁹

Dentre os cursos ministrados nos aparelhos clandestinos do PCB havia alguns que também serviam para preparação e/ou seleção de militantes para o ingresso em escolas preparatórias de quadros na URSS. Em geral, esses cursos preparatórios eram disponibilizados para os principais dirigentes do partido. O próximo tópico vai falar mais sobre esse tema.

Memórias de uma educação clandestina: práticas educativas na URSS (1953-1955)

A Revolução Russa foi um marco histórico do mundo contemporâneo. Para Eric Hobsbawm, a Revolução Bolchevique teve mais repercussões que a própria Revolução Francesa:

a Revolução de outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral. Pois se as ideias da Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789. A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna.⁴⁰

A revolução inspirou comunistas do mundo inteiro a sonhar com um mundo melhor. Todo o desejo por uma sociedade mais justa não estava tão longe depois dos acontecimentos de 1917. Moscou era como a Meca do comunismo, todos desejavam ir para lá. Lênin e Stálin transformaram-se em figuras sacralizadas.

Jorge Ferreira, em “Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)”, pontua sobre a cultura política comunista. Segundo ele, em muitos aspectos, ela assemelhava-se com a relação do homem (sic) com o sagrado em outras sociedades e épocas:

De maneira similar aos antigos ritos de passagens, também presentes em épocas mais próximas nas sociedades secretas, o novato experimentava o ritual simbólico da morte e da ressurreição. Ser comunista, diziam eles, significava abandonar, para sempre, uma vida sem certezas, fragmentada, incoerente e conduzida passivamente pelos acontecimentos de uma realidade ininteligível para ter o domínio absoluto sobre seu próprio ser e libertar os povos da escravidão econômica, da opressão política e da miséria.⁴¹

³⁹ PERALVA. **O retrato**. p, 11.

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p, 62.

⁴¹ FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Rio de Janeiro: Eduff: Mauad, 2002, p. 68.



Toda a sacralização do comunismo deveria justificar a abnegação de seus membros em prol do partido a ponto de deixarem suas famílias para passar alguns anos na tão sonhada URSS. Em suas memórias, Hércules Corrêa mencionou como foi difícil contar para sua família que iria participar de um curso em solo soviético. “Eu era casado, tinha um filho - o Diógenes - de um ano e dez meses, na época. Como eu previra, foi duro dar as novidades à minha mulher”.⁴² Ao mesmo tempo, havia uma grande felicidade em saber que iria conhecer o país: “A verdade é que eu estava eufórico. Nunca havia viajado ao exterior e, como seriam apenas 60 dias, não acreditei que isso fosse perturbar minha família tanto assim”.⁴³

Oswaldo Peralva registrou questões semelhantes. Entretanto, para ele, havia um grande pesar em deixar sua família.

Conhecer Moscou, a Meca do comunismo internacional, era a grande aspiração acariciada por todos nós. E esta possibilidade agora me inundava de alegria. Mas eis que, ao mesmo tempo, em sentido contrário, intervieram outros sentimentos. É que, estreitamente vinculados a mim pelo amor, pelo contato diário, por um hábito de convivência que se transformara em necessidade, existiam duas pessoas – minha filha, de três anos de idade, e a mulher com quem me casara fazia quatro anos, e a ideia de separação provocava em mim uma angústia sufocante.⁴⁴

O culto à URSS era imensurável. Antes da viagem, segundo consta nas memórias de Oswaldo Peralva, Diógenes Arruda teria exigido a mais completa humildade ante os soviéticos: “até os limpadores de rua em Moscou eram mais dignos e possuíam mais méritos que qualquer de nós, pois eles constituíam parte do povo que tinha feito sua revolução proletária e estava ajudando-nos a fazer a nossa.”⁴⁵

Não havia apenas uma escola para a formação de quadros na URSS, mas, sim, uma “rede de escolas” organizadas pelo Komintern e, posteriormente, pelo Kominform. Segundo Lazitch, o objetivo dessas escolas era

formar não apenas ideologicamente os alunos mas, também, na prática, o de aprender como ser militante na ação cotidiana, como forjar um partido revolucionário e, em seguida, tomar o poder, seja de uma organização sindical, seja de um Estado.⁴⁶

Oswaldo Peralva e Hércules Corrêa foram participar de uma escola de formação de quadros revolucionários na URSS no ano de 1953. Hércules Corrêa relatou que antes de ser selecionado para a formação na URSS participou de um curso clandestino chamado “curso

⁴² CORRÊA. **Memórias de um Salinista**. p, 10.

⁴³ _____. **Memórias de um Salinista**. p, 10.

⁴⁴ PERALVA. **O retrato**. p, 7.

⁴⁵ _____. **O retrato**. p, 13-14.

⁴⁶ Apud SILVEIRA, E. S.; MORETTI, C. Z.; VILLARRUEL, A. Memórias de uma Educação Clandestina: a formação de quadros revolucionários comunistas brasileiros na antiga União Soviética. In: REUNIÃO REGIONAL DA ANPED: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. 2016, Curitiba, p. 223



Stálin”, que servia de seleção para a ida à antiga União Soviética. Como um curso clandestino nos aparelhos do PCB, ele precisava sair e entrar de olhos vendados para não saber o local onde estava. Segundo o autor, “o curso durou 30 dias”. Segundo ele, “se soubesse o que estava em jogo, durante as aulas, não teria me sacrificado tanto para aprender o que era ensinado.”⁴⁷ Ainda segundo Corrêa, eram os maiores dirigentes do partido que davam o curso. “Tivemos professores como Jacob Gorender, Mário Alves, João Massena Meio, Carlos Marighella, Diógenes Arruda - enfim, a nata dirigente do Partido, na época.”, observou.⁴⁸ Mais tarde ele descobriria que, para sua surpresa, estava disputando uma vaga com Jorge Amado, e devido a prerrogativa de obreirização do partido, ele teria conseguido mais pontos que o colega intelectual por ter participado de greves e lutas sindicais.

Oswaldo Peralva não relatou em suas memórias a participação do “curso Stálin”, porém, asseverou:

Agora achava-me em meio de vasta chácara, no quintal de uma casa que era peça integrante do aparelho clandestino do Partido. Por aquela época servia de sede a mais um curso de 15 dias, de marxismo-leninismo, do qual participavam umas trinta pessoas, em sistema de internato. Mesmo sem ser aluno, desempenhando outra tarefa, eu me enquadrava no regime vigente, ajudando nos serviços domésticos, dormindo em esteiras no chão e entrando na escala de plantonistas que se revezavam durante a noite, armados ou desarmados, conforme o caso, atentos a quaisquer ruídos ou fenômenos estranhos que surgissem.⁴⁹

Não é possível ter certeza se esse curso referenciado por Peralva era o “curso Stálin”. O autor só observou que um homem importante do aparelho, sem citar nomes, lhe deu a notícia: “Bem, então vai-te preparando discretamente [...] porque dentro de uma ou duas semanas vais embarcar para o exterior [...] Vais para a URSS.”⁵⁰ Talvez, Peralva tenha participado desse curso apenas como organizador, por ser um quadro importante e secretário de Diógenes Arruda. Entretanto, a inexistência de tal relato não significa que ele não tenha tido semelhante experiência.

O curso preparatório de quadros na URSS durou dois anos. Segundo Hércules Corrêa, ele havia sido informado que o curso duraria apenas 60 dias, mas quando chegou à escola recebeu a seguinte informação do diretor da escola: “Em nome do Comitê Central, quero lhes informar que estamos todos aqui para fazer um curso de marxismo-leninismo que vai durar dois anos!”⁵¹ Além disso, por medida de segurança, eles poderiam receber apenas uma carta a cada seis meses de seus

⁴⁷ CORRÊA. *Memórias de um Stalinista*. p. 7.

⁴⁸ _____, *Memórias de um Stalinista*. p. 8.

⁴⁹ PERALVA. *O retrato*. p. 6.

⁵⁰ _____, *O retrato*. p. 7.

⁵¹ CORRÊA. *Memórias de um Stalinista*. p. 15.



familiares. Ao todo, a turma contava com 43 comunistas brasileiros.

Oswaldo Peralva escreveu em suas memórias que recebeu essas informações ainda no Brasil, e que quando perguntou ao homem do aparelho quanto tempo iria ficar fora ele respondeu: “uns dois ou três anos”.⁵²

Nossa turma [...] se compunha de quase 50 membros, caracterizando-se por sua heterogeneidade. Entre nós havia gente procedente de todos os cantos do país, pretos e brancos, homens e mulheres, solteiros e casados: trabalhadores braçais e intelectuais, ex-militares profissionais e reservistas de terceira categoria, militantes de células e altos dirigentes do Comitê Central - mas todos funcionários remunerados do pesado aparelho burocrático do PCB.⁵³

A escola para onde Corrêa e Peralva foram se localizava em um antigo monastério, nas proximidades de Moscou. A turma fora recebida por um “soviético, o diretor da escola, auxiliado por um tradutor, que nos transmitia as boas-vindas em espanhol.”⁵⁴

Ali funcionaram os cursos - especiais para brasileiros- da antiga Universidade Lênin, rebatizada de Escola Superior do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. A sede central era na cidade mesma de Moscou, mas muitos de seus professores se deslocavam diariamente para outros pontos, onde funcionavam filiais destinadas a estrangeiros, a fim de ali ministrar aulas, com a ajuda de tradutores.⁵⁵

Hércules Corrêa registrou que entre seu grupo de colegas “ficaram Moacyr Werneck de Castro e Armênio Guedes”, e que foi graças a eles que aprendeu alguma coisa do curso. Além disso, “pessoas como Oswaldo Peralva, Apolônio de Carvalho. [...] Mário Alves (o mais brilhante, naquela turma), Pedro Pomar e Antônio Paim deram uma demonstração infinita de solidariedade para com seus colegas.”⁵⁶ Peralva relatou que antes de iniciar o curso em si tinha-se “uma curta fase de adaptação, na qual se proferiam conferências sobre questões elementares do marxismo e sobre a situação internacional”, e que “alguns professores insistiam em banalidades, supondo que nossa ignorância não tivesse limites.”⁵⁷

Com o início do curso, os dois comunistas tiveram reações diferentes. Hércules Corrêa parece ter tido muita dificuldade de aprender as matérias ensinadas. Segundo ele, as aulas não eram pensadas para operários de instrução básica. Ele observa que a maior parte dos livros eram em inglês ou francês, apenas uns 20% em espanhol, mas:

não havendo remédio, o negócio era estudar. Dessa vez, as matérias seriam Filosofia, Economia Política, Teoria e Tática do Movimento Comunista Mundial, História do Partido Comunista, Russo, História do Movimento

⁵² PERALVA. **O retrato.** p, 7.

⁵³ PERALVA. **O retrato.** p, 15.

⁵⁴ CORRÊA. **Memórias de um Stalinista.** p. 15.

⁵⁵ PERALVA. **O retrato.** p, 14.

⁵⁶ CORRÊA. **Memórias de um Stalinista.** p. 18.

⁵⁷ PERALVA. **O retrato.** p, 15.



Sindical Internacional, Economia Socialista, Geografia Econômica e Política do Mundo, História dos Povos da URSS, História da Cultura Russa. Aliás, todas as aulas eram dadas em russo, com o tradutor retransmitindo-as em espanhol. Só seis meses mais tarde foram arrumar um tradutor espanhol que sabia russo. Com efeito, para mim e muitos outros, as tais aulas se constituíram num verdadeiro martírio. Eu fazia muitas anotações em classe, mas o que eu escrevia geralmente não tinha muita ligação com o que era ensinado nas aulas. Eram divagações, muitas e muitas dúvidas. Entrei em desespero e pedi para voltar ao Brasil. Negativo, me responderam, até porque na turma havia portuários: ferroviários, mineiro e tecelões, como eu, com idênticas dificuldades.⁵⁸

Oswaldo Peralva, como jornalista, não teve tanta dificuldade. Ele, inclusive, teria ajudado os seus colegas. A organização do curso pediu aos participantes que se organizassem em grupos de estudo, “para que os alunos mais instruídos ajudassem os outros.”⁵⁹

Tínhamos ainda o estudo do russo, considerado de grande importância porque nesse idioma, conforme acentuou um professor, falaram e escreveram "o gênio da revolução proletária, Vladimir Ilitch Lênin, e seu fiel discípulo, o grande Ióssif Vissariônovitch Stálin". E mais: História aos Povos Russos; História Universal do Movimento Operário; e diversas matérias relacionadas com o funcionamento dos partidos Comunistas. Havia também o ensino da língua portuguesa, que estava a meu cargo e de mais dois colegas e à qual quase ninguém ligava importância, a começar por José Souza. A língua oficial, para nós, era o espanhol, pois os soviéticos não tinham tradutores preparados em português. Revezavam-se três tradutores: um espanhol, Pérez, e dois russos-Minieiev e Gália. À medida que o professor falava, o tradutor traduzia para o espanhol.⁶⁰

Mesmo não tendo tanta dificuldade nas matérias como outros colegas, Peralva considerava o curso “intensíssimo”, pois, segundo ele, os soviéticos afirmavam que o curso era de 3 anos, mas fora reduzido pela metade do tempo. Tinha-se “6 horas de aula por dia, com intervalo de 10 minutos de uma para outra. Iam de 9 às 12 horas, quando se interrompiam para o almoço, prosseguindo às 13 e terminando às 16 horas.”⁶¹ Para Peralva, um dos objetivos principais da escola era difundir toda a experiência revolucionária soviética e, dessa forma, fazer a revolução no próprio país através de uma disciplina específica: História do PCUS. Para ele, essa matéria tratava da “arte da revolução”.

Em verdade, tratava-se aqui de transmitir-nos toda a experiência de lutas do PCUS, que participara de três revoluções - as três maiores revoluções do primeiro quartel deste século, no mundo: a de 1905-1907, a de fevereiro-março de 1917 e a de outubro-novembro também de 1917. Todas as particularidades da tática e da estratégia empregadas nessas revoluções, todos os meios e formas de atrair, mobilizar e dirigir as massas trabalhadoras para as lutas insurrecionais, as características daquilo que Lênin chamava de *situação revolucionária*, a experiência dos erros cometidos tanto pelo PC como por outros partidos, nesses movimentos, enfim tudo isso que constituía a *arte da revolução* foi

⁵⁸ CORRÊA. **Memórias de um Stalinista**. p. 17.

⁵⁹ _____. **Memórias de um Stalinista**. p. 17.

⁶⁰ PERALVA. **O retrato**. p. 15-16.

⁶¹ _____. **O retrato**. p. 16.



compendiado e ministrado em aulas para nós, através dessa cadeira: História do PCUS.⁶²

Além dos conteúdos programáticos, a escola oferecia momentos de recreação para amenizar a sensação de enclausuramento. Essa sensação era constante, pois pouco se saía de lá e quando isso ocorria havia uma severa supervisão. Como afirmou Peralva, “nas raras vezes em que nos foi permitido ir à cidade - a um teatro, a um museu, ao metrô, íamos em grupos, sob o comando dos tradutores.”⁶³

Disseram-nos, ainda no Brasil, que ficaríamos estudando na cidade mesma de Moscou, teríamos aulas de segunda a sexta-feira e, aos sábados pela tarde e aos domingos sairíamos em grupos de três a passear na cidade. A realidade, porém, foi diferente. Passamos três meses encerrados na Escola tendo apenas como mensagem um vasto quintal todo cercado por muros de três metros de altura e policiado por guardas durante toda a noite.⁶⁴

Toda essa proteção aos alunos pode ser vista a partir de dois ângulos da cultura política comunista. O primeiro, ligado ao medo ao inimigo externo. O segundo, à traição. Para compreender o primeiro elemento é necessário relembrar que o curso ocorreu nos anos 1950, época do auge da Guerra Fria. O capitalismo era um inimigo a ser combatido. Havia um medo exacerbado de que esses estudantes poderiam de alguma forma cair nas mãos do inimigo imperialista, sendo que, caso isso ocorresse, todo investimento desses dois anos não teria valido a pena: “O PCB e o PCUS não podiam estar gastando tempo e dinheiro preciosos para formar quadros revolucionários e entregá-los à polícia do inimigo de classe!”⁶⁵

Por outro lado, o estigma da traição sempre esteve muito presente dentro do comunismo. Pior que um inimigo externo era um inimigo interno. Era melhor ter todos sob controle para que não houvesse nenhuma forma de sublevação, pois “em cada aluno viam um possível agente do imperialismo americano infiltrado nas fileiras do movimento comunista.”⁶⁶ O discurso da traição é muito impactante neste imaginário. A traição, como um componente da cultura comunista, mobilizava valores e imagens que, política e pedagogicamente, serviam como “elemento de controle e um instrumento eficaz para a manutenção de um poder disciplinar que, centralizado no núcleo dirigente, operacionalizava, juntamente com outros fatores, formas de manter a coesão partidária.”⁶⁷

Além disso, qualquer camarada se achava no direito de fazer críticas sobre problemas absolutamente íntimos de qualquer outro. Todos os atos, gestos e atitudes de uma pessoa eram notados e censurados pelos demais; quaisquer

⁶² PERALVA. **O retrato.** p, 15.

⁶³ _____. **O retrato.** p, 22.

⁶⁴ _____. **O retrato.** p, 47.

⁶⁵ _____. **O retrato.** p, 47.

⁶⁶ _____. **O retrato.** p, 47.

⁶⁷ SILVEIRA. **Por que ele?.** p. 47.



defeitos eram destacados e exibidos em público. Nunca vira em toda a minha vida tanta hostilidade mútua e gratuita, mesmo quando se manifestava em tom de pilheria. Todos os nomes feios do léxico partidário- individualismo, pequeno-burguês, liberalóide, nacionalista - todas as frases feitas: subestimação da tarefa, falta de espírito autocrítico, ideologia estranha ao proletariado, origem de classe, tendência fracionista- eram atirados, como pedras, por uns contra outros. O homem tornava-se o lobo do homem. E, a rigor, nenhum de nós escapou a isso.⁶⁸

Dessa forma, as atividades recreativas na escola eram importantes válvulas de escape. Hércules Corrêa contou que o diretor da escola mandou construir “uma quadra de patinação no inverno e um campo de futebol no verão” e que a mando dele “recebemos patins, esquis, chuteiras [...] fomos ao Balé Bolshói muito mais vezes do que estava previsto no programa.”⁶⁹ Em uma dessas atividades de patinação no gelo, Côrrea teria trombado com o próprio Peralva: “Trombei com o Peralva, caímos, e ele sofreu uma luxação no tornozelo, ou quebrou o pé, não me lembro bem.”⁷⁰

Uma outra atividade do curso, muito apreciada pelos brasileiros, era viajar pela URSS. Para a referida turma, ela teria acontecido entre julho e agosto de 1954. Segundo Hércules Corrêa, “o programa incluía uma visita a Stalingrado. [...] recebemos uma preleção [...] para o fato de sermos clandestinos na União Soviética, que nossa estada ali não poderia tomar-se conhecida pelas forças imperialistas”.⁷¹

Esse “passeio” era uma forma de complementação do curso, onde conheciam-se fábricas, fazendas coletivas e outras obras do país. Era uma maneira de os soviéticos mostrarem as realizações do socialismo para que os comunistas de outros lugares fossem encorajados a também fazê-las.

Quem pensou que estávamos fazendo uma viagem de férias normal, enganou-se. Era, na verdade, uma complementação do curso. Em oito dias, por exemplo, teríamos apenas quatro horas para ir às compras. Tínhamos, isso sim, de conhecer os benefícios da coletivização rural, visitar museus, teatros - na verdade, estava tudo programado, a começar por um documentário em filme sobre a famosa Batalha de Stalingrado.⁷²

O documentário sobre a batalha de Stalingrado poderia ter a função de ressaltar aos brasileiros o quanto os soviéticos foram corajosos durante a Segunda Guerra Mundial na luta contra o nazismo. A vitória soviética em Stalingrado foi uma das responsáveis pela vitória final contra o Eixo. Além disso, o documentário ressaltava a figura de Stálin, como afirmou Corrêa em suas memórias: “o hino se interrompe, e o locutor grita: “Glória aos povos da União Soviética!”

⁶⁸ PERALVA. **O retrato**. p. 38-39.

⁶⁹ CORRÊA. **Memórias de um Stalinista**. p. 25.

⁷⁰ _____. **Memórias de um Stalinista**. p. 25.

⁷¹ _____. **Memórias de um Stalinista**. p. 26-27.

⁷² _____. **Memórias de um Stalinista**. p. 27.



"Glória eterna a Stálin!".⁷³ A sacralização dos líderes comunistas era um componente de suma importância na cultura política comunista, principalmente a figura de Josef Stálin. "Assim, para os militantes, a maneira energética, inflexível, rigorosa e até mesmo cruel de Stálin ao lidar com os inimigos e os adversários políticos tornou-se componente da identidade comunista."⁷⁴ Stálin havia morrido no ano de 1953 e a denúncia e a discussão de seus crimes ocorreria em 1956, pouco tempo depois do término do curso.

Peralva viu aquela viagem pela URSS de um ponto de vista diferente. Para ele, ela tornou-se tão enfadonha quanto as aulas em Moscou, ou até pior, pois havia um grande controle por parte da organização soviética para que os alunos não saíssem da "rota" da viagem, mostrando-lhes apenas o que queriam que vissem: "nos sentíamos como feras enjauladas sendo exibidas através da Rússia e que, em face do regime nela vigente, nosso mosteiro parecia um paraíso perdido."⁷⁵

Na viagem a Górkí (atual Níjni Novgorod), Peralva relatou algumas das atividades realizadas.

Visitamos fazendas coletivas, fábricas, usinas hidrelétricas em construção, a República Autônoma Tártara (20 minutos apenas), encravada em território russo, e museus, museus, museus. Nas fábricas, os diretores nos mostravam "as máquinas" em seguida nos discursavam em seus gabinetes, citando números, que nós copiávamos e, por último nos banqueteavam. Partíamos então para outra visita.⁷⁶

O curso de formação de quadros terminou por volta de abril de 1955. Segundo Osvaldo Peralva, o diretor da escola enfatizou "a confiança em que cumpriríamos nossa honrosa e histórica missão".⁷⁷ Esse, afinal de contas, era o principal objetivo da ida a URSS: fazer a revolução no Brasil. Para o autor "os elementos mais categorizados, os quadros da oficialidade, deveriam sair da escola do PCUS."⁷⁸

Osvaldo Peralva continuou sua missão em Bucareste, como um membro do Kominform. Ele atuou no jornal "Por uma paz duradoura, por uma democracia popular" até que o relatório Krushev trouxesse à tona os crimes do stalinismo e fizesse tal *bureau* político ser dissolvido. Ao voltar ao Brasil, Peralva ainda participou das discussões sobre o relatório, mas ao perceber que o PCB camuflou todos esses questionamentos, saiu do partido com um forte ressentimento e desilusão com o comunismo. Em *O retrato*, ele resume sua experiência sobre a escola de formação

⁷³ _____. **Memórias de um Stalinista**. p. 26-27.

⁷⁴ FERREIRA. **Prisioneiros do Mito**: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). p, 85.

⁷⁵ PERALVA. **O retrato**. p, 55.

⁷⁶ _____. **O retrato**. p, 51.

⁷⁷ _____. **O retrato**. p, 17.

⁷⁸ _____. **O retrato**. p, 11.



de quadros da seguinte maneira:

A Escola, em Moscou, para a formação de revolucionários de tipo bolchevista, não se restringia ao ensino dos fundamentos teóricos do marxismo-leninismo. Através da pressão ideológica e do próprio regime de internato, onde se fazia a apologia da obediência cega e o endeusamento de tudo que fosse soviético, buscava-se transformar cada aluno num indivíduo despersonalizado, sem quaisquer interesses ou vontade que não fossem os interesses e a vontade da direção do Partido; que aceitasse voluntariamente uma disciplina supermilitarizada, sendo capaz de cumprir, sem vacilar, as ordens mais absurdas; que não tentasse pensar, a não ser por meio de chavões, para evitar desvios da linha do Partido, fixada pela direção suprema; que considerasse a fidelidade ante a URSS e o PCUS como "a pedra de toque do internacionalismo proletário", constituindo-se dentro de seu próprio partido num homem de Moscou.⁷⁹

Hércules Corrêa retornou ao Brasil logo após o término do curso. Segundo consta, foi designado chefe de delegação pela sua origem proletária. Ao chegar ao país foi surpreendido pelo fato de que, “ao contrário do que o Partido havia se comprometido a fazer”, sua família recebeu pouquíssima assistência⁸⁰.

Tivemos como objetivo colocar essas duas memórias em confronto para ter um panorama geral da educação comunista na URSS, cujo objetivo era a formação de quadros revolucionários em prol de uma revolução. Além disso, as duas narrativas têm pontos de vistas diferentes sobre tais acontecimentos. Enquanto Hércules Corrêa significou a experiência na URSS em tom nostálgico, Osvaldo Peralva, através dela, rompeu com o partido, passando a atacar sua ideologia.

Considerações finais

Uma viagem à antiga União Soviética mexeria com qualquer um. O culto àquele país era um importante ponto da cultura política comunista e pode ser visto nas memórias dos dois sujeitos. As duas fontes, no geral, relatam questões semelhantes sobre o curso na URSS, porém com cargas emocionais distintas: Osvaldo Peralva fez inúmeras críticas à escola e ao modelo socialista. Hércules Corrêa também fez críticas, porém, bem mais brandas. O tom nostálgico aos tempos de outrora prevalecerá em sua obra.

Ao analisar tais obras pode-se perceber que a missão que os levou a estudar na antiga União Soviética era bem clara: estudar para fazer a revolução no Brasil. Os que eram enviados para a escola eram aqueles sobre os quais o PCB depositava grandes expectativas, pois seriam os principais quadros que comandariam a revolução.

⁷⁹ PERALVA. **O retrato**. p. 9.

⁸⁰ CORRÊA. **Memórias de um Stalinista**. p. 28.



Os conteúdos ensinados no curso incluíam economia, filosofia, o ensino do russo, história do PCUS, movimento sindical mundial, história da cultura russa, teoria comunista e política. Segundo os relatos, havia como “complementação do curso” viagens com o objetivo de conhecer as obras do socialismo: museus, teatros, fábricas e fazendas coletivas.

Vale lembrar, ao final dessa pesquisa, que o campo de exploração de estudos sobre a educação não formal de comunistas na clandestinidade é amplo e ainda pouco explorado, com um conjunto grande de fontes que já foram supracitadas. Através desse texto almejamos explorar questões específicas sobre o recorte relacionado às “escolas de formação de quadros” através dos livros de Hércules Corrêa e Osvaldo Peralva, porém, sem esgotar todas as possibilidades de análise e de pesquisa que o tema permite.